

# NA ERA TECNOLÓGICA, EM VIAS DO ESQUECIMENTO: ESTUDO DA ATUAL SITUAÇÃO EDUCACIONAL DE ESTUDANTES DE ALGUMAS ESCOLAS PÚBLICAS DO INTERIOR DA BAHIA, NO PERÍODO DA PANDEMIA COVID-19

IN THE TECHNOLOGICAL ERA, ON THE WAY TO OBLIVION: A STUDY OF THE CURRENT EDUCATIONAL SITUATION OF STUDENTS FROM SOME PUBLIC SCHOOLS IN THE INTERIOR OF BAHIA, IN THE PERIOD OF THE COVID-19 PANDEMIC

Elenilda Alves Brandão 1  
Adeoblandino Ricardo dos Santos Neto 2

**Resumo:** Este escrito é uma abordagem sobre a visão de alguns estudantes do ensino fundamental II e do ensino médio de escolas públicas do interior da Bahia, sobre como pensam as suas atuais situações educacionais em meio à pandemia causada pela Covid-19, motivo o qual as aulas presenciais foram suspensas. Sobre as (im)possibilidades do acesso às TICs pelos estudantes, observamos o alargamento das suas autonomias educacionais; a abertura de suas posturas crítica reflexivas, desencadeando empreendimento de suas próprias aprendizagens escolares. Buscamos externalizar as dificuldades de aprendizado em tempos pandêmicos; as exclusões digitais, cujas discrepâncias tornaram-se mais evidentes, mediante à realidade pandêmica. Uma abordagem qualitativa aliada à atividade de escuta dos sujeitos participantes em seus lugares e contextos. Utilizamos entrevistas on-line, buscamos dialogar com autores como (Lemos, 2015); (Silva, 2011); (Freire, 2006); (Amiél, 2018) e com os estudantes, jovens e adolescentes, traçando uma imagem da realidade tangente sob a visão destes.

**Palavras-chave:** Escola pública. Pandemia. Exclusão digital. Autonomia.


**Abstract:** This writing is an approach to the vision of some elementary school students and high school students from public schools in the interior of Bahia, about how they think about their current educational situations in the midst of the pandemic caused by Covid-19, which is why classes attendance was suspended. Regarding the (im)possibilities of access to ICTs by students, we observe the expansion of their educational autonomies; the opening of their critical and reflexive postures, triggering the undertaking of their own school learning. We seek to externalize learning difficulties in pandemic times; the digital exclusions, whose discrepancies became more evident through the pandemic reality. A qualitative approach combined with the activity of listening to the participating subjects in their places and contexts. We use online interviews, we seek to dialogue with authors such as (Lemos, 2015); (Silva, 2011); (Freire, 2006); (Amiél, 2018) and with students, young people and adolescents, tracing an image of the tangent reality under their vision

**Keywords:** Public School. Pandemic. Digital Exclusion. Autonomy.

---

1 Doutoranda em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador (UCSal). Lattes: 1059667082275134. ORCID: 0000-0002-2183-9222. E-mail: elenilda.farias@yahoo.com.br

2 Mestrando em Educação, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Lattes: 6352583975530069. ORCID: 0000-0002-5696-6491. E-mail: ricardoubata@gmail.com



## Introdução

O fechamento das escolas e suspensão das aulas presenciais, ocasionadas pela crise mundial em decorrência da pandemia da Covid-19, afetou a maioria dos países do planeta. Escolas vazias e sem nenhum fluxo de pessoas e conhecimentos, entram no cenário educacional a intensificação dos estudos remotos mediados pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, TICs, contudo, a maioria dos estudantes das escolas públicas brasileiras fica de fora desta 'nova' modalidade de ensino. Atentamos-nos a ouvir alguns destes sujeitos na tentativa de compreender como estes percebem as suas atuais situações educacionais em cenário pandêmico.

A adequação técnica educacional com o uso dos aparelhos midiáticos, no entanto, não se colocou ao alcance da maioria das escolas públicas brasileiras que além do fator físico estrutural, didático pedagógico das instituições de ensino, a condição socioeconômica dos seus estudantes. Neste feito, a continuidade das aulas por meios virtuais esbarrou-se nos entraves que vão desde a ausência de bens tecnológicos como computadores, notebooks, tablets, smartphones, programas computadorizados, formação de professores, bem como a ausência de uma rede de internet ampla, gratuita e eficaz, especialmente para os estudantes da rede públicas, o que deixou centenas de milhares de crianças, adolescentes, jovens e adultos sem nenhum vínculo educacional entre março de dois mil e vinte até o dia de fechamento deste escrito.

Tal realidade configura-se no que especialistas chamam de 'Apagão na educação'<sup>1</sup>. Enquanto o vírus avança sobre a saúde das populações vitimando milhares de pessoas<sup>2</sup> por toda parte do Brasil e do planeta, a vida necessita se adaptar à nova realidade. Os serviços considerados não essenciais são fechados e pessoas orientadas a fazerem o isolamento social. É neste contexto que milhares de crianças e adolescentes, jovens e adultos enfrentam a lacuna educacional. O professor e pesquisador das relações tecnológicas e cibercultura (Lemos, 2015), avalia a discrepância nas realidades em torno das tecnologias como ações que vão desde a ausência políticas públicas ágeis e eficazes para que a democratização do acesso aos bens tecnológicos até à condição sócio econômica da realidade da maioria da população brasileira, uma vez que é inumerável as famílias brasileiras que não contam com computadores conectados à internet ou com uma conexão de qualidade.

Como educadores que somos nossa atividade é de observação, ação e escuta, pois, na concepção de Freire (2006, p. 70), "Ensinar é saber escutar", ao mesmo tempo, dá voz aos invisibilizados. Neste sentido, nossas atenções vão na direção dos estudantes na intenção de buscar analisar como eles vêm vivenciando as distancias da escola? Quais (im)possibilidades tem estabelecido na busca do conhecimento por meio da internet? O que pensam sobre as suas atuais situações educacionais?

Embora, a temática educação em tempos pandêmicos essa seja uma temática eventualmente abordada no cenário brasileiro, sobretudo, nos últimos meses onde batalhas judiciais<sup>3</sup> tentam ora

1 Expressão mencionada em artigo sobre trabalho docente na página do weber, "O APAGÃO NA EDUCAÇÃO" Brasil escola disponível em <https://educador.brasilecola.com.br/> Outra menção encontramos no Jornal on-line Folha de Pernambuco em reportagem de agosto 2020 que comenta ações relacionadas ao Ministério da Educação e Cultura, MEC: "Parlamentares da Comissão Externa de Acompanhamento do Ministério da Educação (Comex-MEC) vêm denunciando desde o ano passado o apagão de gestão da Pasta, o que ficou ainda mais evidente no cenário da pandemia. Questionado pelo grupo sobre o andamento das aulas à distância e a aprendizagem dos alunos da educação básica, o MEC respondeu oficialmente, com todas as letras, que desconhece a realidade do alcance do ensino remoto no País. O Requerimento de Informações nº 631/2020, de autoria dos deputados Professor Israel Batista (PV-DF), João Campos (PSB-PE), Tábata Amaral (PDT-SP) e outros quatro parlamentares, foi enviado no dia 25 de junho deste ano. A resposta do órgão, devolvida agora, surpreendeu. "Este Ministério não dispõe de informações acerca do número de alunos da rede pública de ensino do país que estão tendo tele aulas e aulas on-line até o momento", em trecho retirado do ofício expedido pela Pasta em 27 de julho. Reportagem disponível em <https://www.folhape.com.br/colunistas/> consultada entre agosto e setembro de 2020.

2 Segundo site oficial do governo brasileiro de informativos da pandemia da COVID-19, CORONAVIRUS//BRASIL, até vinte e cinco de setembro de dois mil e vinte, 139.808 óbitos foram confirmados no Brasil. Disponível em <<https://covid.saude.gov.br/>> consultado em 25/09/2020.

3 Em reportagem da jornalista Isabela Monoon, de 20 de agosto de 2020, Jornal on line Folha de S. Paulo/UOL, na sessão CORONAVIRUS, traz o destaque Sindicato de escolas entra na Justiça para volta das aulas em São Paulo. A reportagem relata a disputa judicial das escolas particulares de São Paulo contra os decretos municipais emitidos pelo prefeito Paulo Bruno Covas que impede o funcionamento das instituições de ensino por conta da pandemia,

impedir, ora garantir o retorno às aulas presenciais na rede particular de ensino, mesmo diante da predominância do coronavírus no Brasil, a voz dos estudantes oriundos de escolas públicas sobre a crise da educação onde este é, sem dúvida, um dos maiores prejudicados ainda representa uma lacuna entre os pesquisadores e produções acadêmicas.

Acessamos, tal abordagem, como amplo valor não apenas no cenário educacional, mas também nos âmbitos da reflexão sociopolítica e humana que envolve sujeitos crianças, adolescentes, juventudes, pessoas de direito e, corroborando com as inserções de (Aranha; Martins, 2016), agentes autônomos capazes de crítica e autocrítica, mediante a realidade fluida e mutável da contemporaneidade, (Bauman, 2011). Ensejamos ampliar o leque de produções que vêm se debruçando sobre esses pensares; salientar questões pertinentes ao debate público incluindo a sociedade atual em geral, quiçá inspirar outras questões de estudos presentes neste contexto.

## **Educação, das catracas Livres às Emperradas: TICs para quem?**

A educação é um bem inegociável, garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, art. 26, ainda que se coloque como educação formal ou instrução: “Todo o homem tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico profissional será acessível a todos [...]” (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, art. 205). Utilizando palavras presentes na Lei Magna Brasileira, cabe a família e o estado garantirem o direito à educação às crianças e adolescentes em idade escolar. Neste ponto de vista é uma catraca de acesso livre a todas as pessoas oriundas das mais diversas classes, culturas, classe sociais, religiões.

O estado ainda se propõe a garantir a educação a pessoas que não tiveram oportunidade de concluir os seus estudos em idade regularmente escolar, para tanto, a oferta de educação de jovens e adultos, educação para estudantes que moram distantes das áreas urbanas e, ainda, a oferta de educação inclusiva em classes regulares a alunos portadores de necessidades especiais. Tais conquistas garantidas por lei estão presentes entre outros documentos oficiais, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96.

As concepções de educação que buscamos enlaçar a nossa escrita constrói-se na percepção desta, como recurso sociocultural para ampliação e aperfeiçoamento do humano e as culturas que o constitui distante da ideia que propagada como redenção de todos os males sociais (SILVA, 2011), mas a educação plausível como viés crítico em favor da conquista das autonomias dos sujeitos que encerra tanto espaço de esperança quanto de contradições, ou ainda, “A educação é sem dúvida um dos principais determinantes da renda dos indivíduos, constituindo um caminho clássico de ascensão social, ou seja, de inclusão e exclusão social” (SILVA, 2011, p. 31).

A educação que se alimenta das mudanças políticas e socioeconômicas ditadas pelo sistema neoliberal que sustentam o capitalismo, bem como a mesma educação que sofre os reflexos da revolução tecnológica vivenciada com mais intensidade a partir das últimas décadas do século passado e que não deixa de produzir formas outras de exclusão (BAUMAN, 2017)<sup>4</sup>.

Por estas vias, observamos a labuta das escolas diante do desafio em adaptar-se às novas TICs dispostas nos discursos que a estas conferem poder (FAUCAULT, 2007) do avanço tecnológico; da modernização das escolas; da conexão indispensável sem possibilitar garantias que tudo isso se tornem um bem acessível aos estudantes de escolas públicas brasileiras de modo reflexivo e democrático. Por estas vias corroboramos com a ideia: “O meu ponto de vista é o dos, “[...] condenados da terra”, o dos excluídos” (FREIRE, 2001, p. 7).

Dispomos emendar tais provocações aos questionamentos necessários sobre a imposição de um pensamento homogêneo, onde se apregoa que todos devem adapta-se às exigências capitalistas mercadológicas ou ficarão para trás. A utilização das novas TICs, então, como única

COVID-19. Disponível em. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/08/sindicato-de-escolas-entra-na-justica-para-volta-das-aulas-em-sao-paulo.shtml>, acessado em agosto de 2020.

4 Transcrição de um trecho da entrevista a Zygmunt Bauman feita por um jornalista brasileiro a respeito desigualdade social no Brasil e no mundo, 2017, Canal Bike, Filosofia é... Disponível em <zygmunt Bauman> acessado entre agosto e setembro de 2020.

realidade possível, plausível, moderna, em contrapartida o distanciamento aliado à não observância do quão necessário é refletir tais caminhos e suas implicâncias na vida dos sujeitos, ou seja, a prática de ignorar como “A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança em todos os discursos universais são o marco do pensamento pós-moderno” (HARVEY, 1989, p.19).

Por estas vias, consideramos aqui reflexão, o que destaca “Refletir é desdobrar o pensamento, pensar duas vezes [...]. Refletir é discutir interiormente.” (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 178), pois ao mesmo tempo que o aluno toma o movimento reflexivo sobre o real também é tomado por reflexões sobre si e sua condição de ser no mundo. É sobre esses jogos de poderes discursivos mapeados numa realidade forjada por ideais mercadológicos da dominação da manutenção das leis capitalistas que ora se impõem como sinônimo de modernidade, ora como forma singular de acesso aos novos conhecimentos é buscamos compreender como o aluno reflete a sua atual situação escolar frente à realidade solúvel, que escapa ao controle.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996) a educação tecnológica também é um bem assegurado aos estudantes, muito embora segundo o último senso escolar boa parte das escolas brasileiras se quer contam com rede de esgoto e água potável, os programas de inserção das novas tecnologias da educação e da comunicação TICs existem desde o final do século passado acarretando uma gama de programas que quase sempre resultavam num amontoado de “Geringonças, jeitinho e gambiarras” (AMIÉL, 2018) e materiais mal utilizados reflexos de uma política de inclusão digital mal estruturada, não fundamentada e pouco eficaz.

A realidade que temos e que as últimas décadas o ministério da educação buscou desenvolver programas de inclusão digital, contudo esses quase sempre esbarravam na inoperância burocrática; no abismo da qualificação profissional dos docentes (AMIÉL, 2004) vácuo dos investimentos tecnológicos direcionados à educação pública no Brasil endossando a ‘exclusão digital’ (SILVA 2011), e ainda a morosidade burocrática que permeia o PROJETO DE LEI n.º 9.156/2017<sup>5</sup> que transita desde 2014 para conectividade dos estudantes e professores de escolas públicas e consequentemente democratização das muitas formas de acessar o conhecimento por meio da internet<sup>6</sup>. Lemos (2015)<sup>7</sup> afirma:

A internet é híbrido de humanos e desumanos. Os objetos se conectam a internet logo, ‘internet’ das coisas. O acesso está sendo exponencial, ou seja, quase todas as pessoas do planeta têm acesso à internet, porém, em contrapartida, expõe a intensa desigualdade da sociedade que tem acesso desigual quanto aos bens essenciais: à rede de esgoto, água potável [...].

É neste contexto que vivenciamos a crise ocasionada pelo COVID-19 que veio também para contribuir com a queda do véu *de faz de conta* e revelar a educação e as educações que existem no Brasil dos muitos Brasis. O cenário educacional em tempos pandêmicos recebe alguns destaques segundo pesquisa realizadas no Brasil (DATAFOLHA, MAIO, 2020)<sup>8</sup>:

5 Art. 1º Fica instituída a Política de Inovação Educação Conectada, em consonância com a estratégia 7.15 do Plano Nacional de Educação, aprovado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, com o objetivo de apoiar a universalização do acesso à internet em alta velocidade e fomentar o uso pedagógico de tecnologias digitais na educação básica. Atualizado em 19/06/18 em virtude de novo despacho. Disponível em [www.camara.prop\\_mostrarintegra.org.br](http://www.camara.prop_mostrarintegra.org.br) > consultado em julho/ 2020.

6 O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou nesta quarta-feira (29) uma pesquisa que aponta que 25% (ou um em cada quatro) dos brasileiros não têm acesso à internet. Em números totais, isso representa 46 milhões de pessoas. Em áreas rurais, o índice de pessoas sem acesso é ainda maior que nas cidades, chegando a 53,5%. Em áreas urbanas é 20,6%. O estudo leva o nome de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018. Ele apontou que quase a metade das pessoas que não têm acesso à rede (41,6%) afirmam que o motivo para não acessar é por não saber usá-la; uma a cada três (34,6%) diz não ter interesse; já para 11,8% delas, o serviço de acesso à internet é caro. E, finalmente, para 5,7% deste total, o equipamento necessário para navegar pela web, como celular, laptop e tablet, é caro.

7 Transcrição de parte da fala do professor doutor André Lemos no programa rede de televisão da Universidade Federal da Bahia, sobre TV UFBA conecta - André Lemos discute internet, cibercultura e sociabilidade. Disponível em <[https://www.youtube.com/results?search\\_query=TV+UFBA+conecta+-+Andr%C3%A9+Lemos+discute+internet%2C+cibercultura+e+sociabilidade](https://www.youtube.com/results?search_query=TV+UFBA+conecta+-+Andr%C3%A9+Lemos+discute+internet%2C+cibercultura+e+sociabilidade)> consultado entre junho e setembro de 2020.

8 Pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha divulgada por, entre os dias 18 e 29 de maio, 1.028 pais ou responsáveis por 1.518 crianças e jovens matriculados nos ensinos Fundamental e Médio em todo o Brasil foram ouvidos por

*23% dos estudantes estão com dificuldades nas atividades não presenciais por conta do acesso à internet; 52% dos alunos na região Norte receberam atividades escolares na pandemia; 92% dos alunos na região Sul receberam algum tipo de atividade pedagógica não presencial. Lucas Rocha, gerente de inovação da Fundação Lemann.*

A pesquisa chama nossa atenção para problemas estruturais da educação brasileira que precedem a situação de pandemia, como o abismo digital existente entre crianças e jovens com e sem acesso a internet de qualidade e dispositivos como computadores e celulares.

Destaques semelhantes observando o impacto da pandemia na educação encontramos na página virtual da Plataforma de decisões para Eficiências de Governos, que atende pela sigla (GOVE, 2020). Também a pesquisa extraordinária para medir os impactos da pandemia na vida dos brasileiros, (PNAD)<sup>9</sup> desenvolvidas pelo Instituto brasileiro de geografia e estatística, (IBGE), apontou que um em cada cinco estudantes de escolas públicas não receberam atividades escolares nos últimos. Cerca de 8,9 milhões de estudantes seguem em férias forçadas.

A escola pública, onde estudam a maioria dos estudantes brasileiros e também os nossos sujeitos colaboradores, representa para muitos a saída, a estratégia de superação das desigualdades, um meio de conquistas, por isso, um projeto sociopolítico que constitui a vida dos estudantes, mas também, espaço de contradição, exclusão, Goltemberg (1993, p. 64) ao analisar as situações das escolas públicas brasileiras inquieta nos ao afirmar:

Da perspectiva econômica, a abolição tardia da escravidão está associada à manutenção de tecnologias primitivas e formas tradicionais de trabalho e dominação, assim como à persistência de uma economia de subsistência em grande parte da zona rural. Para uma população nessas condições, a escola não é vista como instrumento para a melhoria da situação de vida. Da mesma forma, nas regiões mais tradicionais do Brasil, na ausência de um processo de industrialização, a escolarização não constitui exigência para o acesso ao mercado de trabalho urbano nem instrumento de mobilidade social, a não ser para camadas privilegiadas da população.

Frente às colocações do autor viabilizamos como urgente a necessidade de reflexão sobre a realidade escolar e seus sujeitos, sobretudo, como ponte para compreensão dos processos ideológicos embutidos em cada ‘verdade’ produzida nos discursos que corroboram para o afastamento da escolar e a desesperança em geral. Sobrelevamos tais aspectos como indispensáveis aos sujeitos da educação, seja para adquirir um olhar nítido dos processos sociopolíticos, seja para compreender-se como ser que pensa esses mesmos processos. Destacamos, por conseguinte, a indispensável construção da autonomia<sup>10</sup> dos sujeitos como pressuposto necessário à percepção compreensão da realidade e à busca do conhecimento o que segundo Aranha; Martins (2016, p. 176) “A educação começa pela heteronomia, em que as regras morais são introjetadas, sem crítica, até que seja, até que seja alcançada a autonomia, típica da maturidade.” (ARANHA; MARTINS, 2016, p. 178).

A compreensão do real como passagem da pura aceitação da realidade tangente ou a manifestação do pensamento crítico, frente às construções sociopolíticas as quais estão embutida os processos que regem a educação no país. Saber, pois, reconhecer-se como ser que constitui parte de um todo complexo e ainda que a autonomia pode e deve desencadear processos de mudanças

---

telefone. A pesquisa tem margem de erro de 3 pontos percentuais para mais ou para menos. Disponível em <https://fundacaolemann.org.br/> acessado entre maio e junho de 2020.

9 Pesquisa na íntegra disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/> acessado entre julho e agosto de 2020.

10 AUTONOMIA (in. Autonomy, fr. Autonotnie, ai. Autonomie, it. Autonomia). Termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão. Kant contrapõe à heteronomia, em que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejar (ABBAGNANO, p. 108).

externas, uma educação transformadora (Piaget, 1986; Vygotsky; Freire, 2001), como sugere boa parte dos discursos educacionais. Sobre a colaboração do educador no processo de autonomia dos educandos, este deve atentar-se:

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos, se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar com estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação. (FREIRE, 1996, p. 43)

Sobrelevamos que a saúde é um bem inafiançável e, no caso da pandemia da Covid-19<sup>11</sup>, o sistema educacional brasileiro revelou-se nas suas vias mais frágeis e até mesmos as organizações mais destacadas do meio educacional, como universidades públicas federais, viram-se sem um 'para onde' em tempos pandêmicos. Diante de incertezas e desesperanças, os estudantes de escolas públicas viram-se diante do exímio exercício de administrar a sua própria formação. Sob duras custas, os estudantes carregam como dever de casa a consolidação da conquista da autonomia no processo de busca do conhecimento. Por estes vieses autônomos na própria formação, salientamos o que destaca Aranha: Martins (2016, p. 178) ao discutir os estágios piagetianos:<sup>12</sup>

A capacidade de reflexão dá condições para o amadurecimento moral, pela organização autônoma de regras e pela livre deliberação(...) o início da vida adulta torna possível o exercício o exercício do respeito mútuo, não hierárquico, típico das relações autônomas. A autonomia, porém, não nega a influência externa, mas destaca no indivíduo a capacidade de refletir sobre as limitações que lhe são impostas, com base nas quais reorienta ações para superar condicionamentos.

Buscamos, pois no diálogo virtual com os nossos sujeitos colaboradores aproximar-nos dos modos como esses processos de construção dos próprios saberes estão acontecendo em detrimento da questão primeira que supomos no início deste, para tanto, empreendemos por caminhos metodológicos pertinentes de rearranjos, negociações, e que tornassem possíveis a coleta de respostas para a questão que nos sustém.

## **(Des)caminhos Metodológicos**

Buscamos aqui um marco metodológico que se entrelaçasse com o objetivo que nos propomos. Colhemos, então, respostas de estudantes jovens e adolescentes por meio de uma entrevista *on-line* com algumas perguntas abertas, em tempos pandêmicos, por meio da rede social digital, *WhatsApp*. Utilizando o mesmo recurso tecnológico, solicitamos as suas devidas autorizações e seus respectivos pais e responsáveis através da assinatura digital de um Termo de Esclarecimento Livre Esclarecido, TCL. A metodologia e igualmente os seus instrumentos de

11 Em 18 de março de 2020, a Organização PAN- Americana de Saúde transmite notificação oficial da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre a consideração "pandemia" da doença infecciosa e altamente transmitida acometida pelo corona vírus: 11 de março de 2020 – O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, anunciou nesta quarta-feira (11), em Genebra, na Suíça, que a COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus, é agora caracterizada como uma pandemia." Atualmente, existem mais de 118 mil casos em 114 países e 4,2 mil pessoas perderam a vida. Outros milhares estão lutando por suas vidas em hospitais. Nos próximos dias e semanas, esperamos ver o número de casos, o número de mortes e o número de países afetados aumentar ainda mais", afirmou Tedros. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812). Consultada em agosto de 2020.

12 As autoras ao trabalharem a questão do conhecimento o aprender autonomia, enfatizando a teoria de Jean Piaget (1986) sobre os estágios do desenvolvimento humano. (ARANHA; MARTINS, 2016).

coleta de dados foram ajustadas para obedeceremos isolamento social que foi uma orientação da Organização Mundial da Saúde, OMS, diante da realidade exposta, algumas técnicas de pesquisa presenciais ficaram inviáveis de serem aplicadas. O recorte investigativo que busca compreender o fenômeno da análise dos posicionamentos dos estudantes no fenômeno em evidência e seus possíveis reflexos sobre o processo educacional destes sujeitos colaboradores, é portanto, uma pesquisa da ordem qualitativa (MINAYO, 1995).

Os instrumentos de ajustes para alcançar os estudantes tem por certo um artefato que a maioria destes parece ter acesso em seus cotidianos, os aplicativos de mensagens por meio do smartphones, WhatsApp, que é também considerado uma rede social, conectados para a realização da entrevistas *on-line* em horário combinado pelo participante. Acreditamos ser essa escolha oportuna uma vez que também por conta da pandemia as atividades sociais, entre esses as educacionais tornaram-se a única via de comunicação e interação entre estudantes e suas escolas. As entrevistas on line tem por principal objetivo ouvir os sujeitos sem que seja preciso que entrevistador e entrevistado estejam on line ao mesmo tempo e, cada um pode responder às perguntas propostas, momento e tempo oportuno (Flick 2009). Esse tipo de entrevista também permite adaptações (Nicolaci-da-Costa, 2009) e, em nosso caso, seguimos ajustes com algumas perguntas digitadas pensadas para que os estudantes pudessem responder de modo escrito ou por áudio.

A análise dos dados coletados se dá a partir da interpretação hermenêutica como caminho para a compreensão, (GADAMER, 2007) em observação aos discursos, falas emergentes dos sujeitos colaboradores, os estudantes de modo a nos apropriar das supostas verdades produzidas na realidade (FOUCAULT, 2007), bem como, oferecer passagem ao empoderamento do ser que pensa o real e expressa através das linguagens expressas. Buscamos assim sustento na compreensão do discurso segundo Foucault (2007, p. 136, 137):

Um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política.

## Em Busca de Estudantes Colaboradores na Rede

Os critérios para escolha dos estudantes para participação das entrevistas on line são os que conseguimos acessar através da rede em nossos aplicativos de mensagens como email, Whatsapp, messenger, Facebook, e-mail. As questões da entrevista foram encaminhadas para as redes sociais e de comunicação dos estudantes após conversa informal a partir destes recursos e, junto a esses, o documento<sup>13</sup> de pedido de autorização dos pais ou responsáveis, caso esses fossem menores de idade. Escolhemos, onze estudantes de quatro escolas públicas diferentes, pertencentes às cidades da cidade de Ipiaú, Ubatã, localizadas na região baixo sul da Bahia.

Dos nove estudantes escolhidos, apenas seis responderam às questões propostas os demais alegaram, (em recado transmitidos por colegas) não possuírem recursos para responderem às questões, segundo os mesmos, não possuíam computadores ou smartphones conectados à internet. Um destes estudantes não conseguimos contato por não possuir smartphones ou outro meio que fosse possível a comunicação no momento de realização da pesquisa. Dois estudantes utilizaram celulares de parentes próximos para responderem a entrevista e quatro os seus próprios aparelhos.

As respostas foram enviadas da seguinte forma: três estudantes enviaram por email, um estudante falou que o celular estava com problemas de bateria o que o impossibilitava de grava áudio ou enviar arquivos, fazendo-o por meio de fotografia das suas respostas para o aplicativo de mensagens seguido de mais dois estudantes que utilizaram o mesmo recurso. Assim, temos

<sup>13</sup> Estamos que mencionando o termo de consentimento livre e esclarecido, modelo ofertado pelo comitê de ética da Universidade a qual estou doutorando, UCSal, entre agosto e setembro de 2020.

as respostas de estudantes da primeira à terceira série do ensino médio e uma estudante da rede municipal do nono ano do ensino fundamental II de quatro escolas das três cidades já mencionadas.

Nomeamos as escolas por números, (colégio 1, 2, 3, 4) por não conseguirmos autorização dos respectivos diretores para citar os nomes destas devido ao período de fechamento das instituições, por ocasião do momento pandêmico. Assim, colégio 1 refere-se ao de ensino médio de Ipiaú; colégio 2 ensino médio e técnico de Ipiaú; colégio 3, ensino médio de Ubatã; colégio 4, ensino fundamental II de Ibirapitanga. Todos pertencentes à rede pública de ensino. Embora alguns estudantes não se oporem à citação dos seus nomes, optamos por citar apenas suas iniciais viabilizando o tratamento ético na coleta de dados.

As questões propostas na entrevista on line foram assim dispostas: \*Como está a sua aprendizagem escolar em tempos de pandemia? Você tem utilizado a internet para estudar? \*O que tem a falar sobre isso? \* Você contou com incentivo ou ajuda da sua escola para estudar pela internet? Explique. \* Como você se sente diante da sua atual situação educacional? \* Você teria alguma ideia do que poderia ou ainda pode ser feito para ajudar você e os seus colegas a estudarem neste difícil período pandêmico? \* Gostaria de falar algo mais a falar sobre o assunto?

### **Vozes ecoam até a superfície pandêmica. Todos estão conectados?**

Sabemos, pois, que a internet é um recurso que ocupa a vida das pessoas e quase todas portam aparelhos celulares na atualidade (André, 2015), o que permite a interação conosco a partir das redes sociais, de comunicação digital e ambientes de aprendizagem, contudo, uma gama considerável não consegue se conectar ou apenas conectam-se esporadicamente por meio de dispositivos móveis emprestados de parentes próximos e amigos. Identificamos alguns destes casos quando tentamos entrevistar ao menos três estudantes do ensino médio e fundamental II das escolas pesquisadas e, nós mesmos, ficamos sem conexão durante o período de pesquisa devido as oscilações do sinal da nossa conexão.

Nas falas, os relatos: *“Eu estou falando aqui falando do celular da minha irmã.”* (F. S., colégio 4, fundamental II); *“Professora, não tenho como responder essas perguntas porque meu celular não carrega mais[...] Tenho sempre que ficar com ele na tomada e só carrega um ponto. Desculpa [...]”* (A. S., colégio 1, 3ª série do ensino médio); *“Professora, tô falando aqui pelo face (facebook), porque uso o celular da minha mãe, mas agora ela tá no trabalho”* (M. V. escola 1, estudante da 3ª série do ensino médio. A informação que obtivemos sobre um dos nossos alunos colaboradores que tentamos contato: *“Professora R. tá ficando mais na roça porque não tá tendo aula. Aí lá não pega celular não.”* (F. S. colega de classe do estudante R. O., ambos estudantes do 9 ano, escola 4).

As falas dos estudantes vão de encontro a discrepância que existe nos acessos aos bens tecnológicos no nosso país, o que em tempos pandêmicos, as atividades desenvolvidas virtualmente apenas atingiriam uma parte deste público que enquanto uma grande maioria não tem condições de acompanhar.

Punha-se, desde já, um problema crucial na fase atual do processo brasileiro. O de conseguir o desenvolvimento econômico, como suporte da democracia, de que resultasse a supressão do poder desumano e opressão das classes muito ricas sobre as muito pobres. E de coincidir o desenvolvimento com um projeto autônomo da nação brasileira (FREIRE, 1975, 86-87).

Consideramos que os estudantes em sua maioria reconhecem o valor da educação e da presença dos professores nos seus processos de ensino aprendizagens. Entre as falas, aparecem como unanimidade os estudos como um bem apreciável e de fundamental importância em suas vidas: expressões como: *“Estou bem triste com essa situação, (D. S, estudante 1 série do ensino médio, colégio 2); “ É desesperador”, (A. A. Estudante da 3ª série do ensino médio, colégio 1; “Eu me sinto muito triste por na está estudando e por causa do tempo que estamos perdendo.”, ( R. S., estudante da 1ª série do ensino colégio 3); “É triste, Pois Precisamos muito Da Educação e Sempre vem sendo esquecida.” (A. C., estudante da 3ª série do ensino médio, colégio 1)”*.



A autora (Brandão, 2017), salienta que o adolescente gosta da escola e valoriza os seus professores, é neste espaço que o mesmo constrói amizades, interage com o outro e vivencia experiências que vão permanecer para sempre em suas vidas. Neste sentido, torna-se notório a lucidez dos mesmos diante da ausência do espaço escolar que é mesmo um bem essencial ao desenvolvimento da autonomia dos sujeitos e como bem enfatiza a frase enfática repetida tantas vezes nos discursos educativos *“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”* (MANDELA, 2003)<sup>14</sup>

Outro aspecto que aparece nas falas de alguns dos estudantes e se externa com bastante importância para nós é a sensação de abandono total ou parcial; “[...] *falta de incentivo; nenhum incentivo. No início tínhamos atividades, e corrigíamos no grupo de Whatsapp...Depois não teve mais nada*” (D. S. estudante da 1 série do ensino médio, colégio 2). A fala do estudante que acabou de celebrar a entrada no ensino médio ressalta: *“Eu me sinto muito triste por na está estudando e por causa do tempo que estamos perdendo.*” (Estudante 1 RS, 1ª série do ensino médio do Colégio Estadual 2.); *Eu me sinto triste, pois os governantes estão fazendo descaso da educação.* (A. A, Estudante 3ª série do ensino médio, colégio1.)

Com relação às falas dos estudantes com relação à ausência da escola e de seus professores no período pandêmico, o que representa a ideia de vácuo, vazio, *apagão na educação* segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, UNESCO: *“Cerca de 776 milhões de crianças ficaram sem aula em todo o mundo devido a pandemia da Covid-19”*<sup>15</sup> (AGÊNCIA BRASIL, 2020). Somamos a essa realidade a face sensível da falta do outro que torna mais intensa a expressão do humano enquanto ser que necessita do outro para crescer, viver, existir.

Para que a educação alcance seu fim mais radical para Freire, ela também há que ser fundamentalmente um processo de humanização. Não é do homem biológico apenas que Freire está falando. É do homem, ser biológico e cultural. Portanto, um ser que, em sendo múltiplo, constrói relações distintas com o mundo e os outros, de modo que ele se recria e se transforma nessas relações. (COSTA, 2016, p. 97).

É nesta interface e buscando vencer os desafios impostos pela desigualdade social e externados de maneira mais crua pela realidade que observamos ações de algumas escolas e universidades públicas brasileiras de contribuir com estudantes (des)conectados, implementando programas de ajudas financeiras para compra de aparelhos de mídias digitais<sup>16</sup>, especialmente as da rede particular de ensino buscaram logo que se iniciou a pandemia a se organizarem virtualmente para que aulas fossem ofertadas on line.

Posto isso, algumas universidades brasileiras chegaram a lançarem editais para compra de materiais tecnológicos direcionados aos estudantes com renda inferior, porém, a realidade das escolas públicas, especialmente de ensino fundamental e médio esbarraram na barreira da fronteira digital; (Galvão, 2003) despreparo dos professores; descompromisso dos órgãos responsáveis

14 Frase proferida por Nelson Mandela, em 2003, quando participou do lançamento da rede Mindset, uma organização sem fins lucrativos que provê material educativo e curricular para alunos e professores em vários temas, desde economia, matemática e física até tecnologia e orientação para a vida. Na ocasião, proferiu uma de suas aspas mais famosas e que resume parte de seus valores. *“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”*. Disponível em <https://www.revistaprosaversoarte.com/> acessado em setembro, 2020.

15 Reportagem internacional exibida no site da Agência Brasil com o tema: UNESCO: Covid-19 deixa mais de 776 milhões de aluno fora da escola. Publicado em 17/03/2020. Disponível em < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-> >acessado entre julho/agosto 2020.

16 Em 20 de julho de 2020, Notícia em destaque no jornal on line Diário do Nordeste destaca: A Universidade Federal do Ceará (UFC), por meio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), tornou público o edital de Auxílio Inclusão Digital, que prevê, com 1.800 vagas, a disponibilização de ajuda financeira para que alunos em situação de vulnerabilidade socioeconômica possam adquirir equipamentos (computador ou tablet) de acesso à Internet. O auxílio tem o valor de R\$ 1.500 e é de caráter pessoal e intransferível para alunos matriculados em cursos presenciais de graduação em qualquer um dos campi da UFC, na Capital e no Interior. O objetivo da medida é permitir que os discentes contemplados possam ter acesso contínuo às atividades disponibilizadas remotamente, em razão da pandemia de covid-19 e suspensão de atividades presenciais.

competentes. De março a setembro de 2020 onde este escrito foi concluído o ministério da educação não apresentou nenhum projeto de inclusão digital a nível nacional para tornar diminuir as deficiências causadas pela crise da pandemia Covid-19.

A UNESCO aconselha a aliviar o impacto sobre o currículo de várias formas. A primeira coisa a fazer é o uso mais extensivo possível de todos os recursos a distância, que podem ser internet, pelo rádio, pela televisão e todas as formas que permitem aprender a manter constato com a aprendizagem a distância (VINCENT DEFOURNY, 2020).<sup>17</sup>

Ao menos três estudantes de diferentes escolas da região sul da Bahia, oriundos de quatro escolas públicas municipais e estaduais de três municípios da mesma microrregião, cujos nomes não serão aqui relatados por não ter sido possível adquirir documento de permissão dos diretores devido ao processo pandêmico. Utilizaremos aqui apenas enumeração 1 a 3 as escolas públicas estaduais de ensino médio pertencentes aos municípios de Ipiaú e Ubatã e 4 a escola pública municipal pertencente ao município de Ibirapitanga BA, reconhecem o descaso político em torno da questão

Em seguimento à atividade de escuta aos estudantes, salientamos: Quatro dos oito estudantes ouvidos buscam com seus próprios esforços continuar estudando em casa:

“Pesquisei na internet um tipo de modulação do ano letivo em que estou e comecei a estudar com um colega. Cada dia da semana estudávamos uma ou duas matérias, de acordo com a facilidade de entendimento. Fazíamos isso por ligação.” (Estudante M. V. 3ª série ensino médio, colégio 1)

Os enfrentamentos diários dos estudantes diante da realidade pandêmica expressam o desenvolvimento da autoconfiança e a responsabilidade pela própria formação utilizando os recursos tecnológicos disponíveis e até mesmo os materiais didáticos que possuem. O que equivale dizer que ao empreender a própria formação esses acabam por fortalecer a autonomia enquanto sujeitos de reflexão e crítica diante da própria formação.

Diante dessas falas, percebemos que os ciberespaços, a internet neste caso, se configuram como uma fonte significativa na tarefa da busca do conhecimento, (LÉVY, 1999; ANDRÉ, 2002) o que poderia ter sido desde o início, caso este bem fosse acessível a toda comunidade escolar, utilizado talvez como ponte, para que boa parte dos estudantes de escola pública, enfrentassem o que estes vem chamando de “vazio”, “esquecimento”, “medo”, “desesperança”, “sensação de estar perdendo tempo”.

Destacamos as sugestões dos próprios estudantes em resposta à quarta pergunta da entrevista, o desenho de um currículo reinventado: o que poderia ter sido feito pelos envolvidos no processo educacional pautado na ética e na inclusão. Os estudantes expressam a partir de suas colocações e sugestões, o movimento de pensar a própria condição no agora:

“Eu não teria ideia pra alguma forma ter as atividades porque essa pandemia deixa nos confuso, mas a escola poderia ter entregado atividade pra nós” (F. S., estudante do 9º ano, escola 4);

“Uma guia educacional contendo os temas que seriam abordados em sala de aula. Assim poderíamos estudar com os livros que temos em casa, ou mesmo pela internet com mais facilidade. Tendo isso em mãos, os alunos poderiam se organizar criando grupos para estudar e debatendo os assuntos” (Estudante M. V., colégio 4);

17 Vincent Defourny, 2020; representante da agência Brasil em Bruxelas.

“Poderia está Tendo Aulas On-line ou O Colégio disponibilizar Material para os Alunos Estudarem em casa” (Estudante A. S. 3ª série do ensino médio, colégio 1).

Os estudantes conseguem perceber que o caos instalado pela pandemia não poderia ter paralisado o ensino de modo tão letal; ações poderiam ter sido pensadas para subtrair os danos em torno dos seus estudos, como sugeriu a própria OMS e UNESCO quanto à utilização não apenas das TICs, mas da TV e do rádio<sup>18</sup>. São sugestões importantes que, se ouvidos pela comunidade escolar, poderiam ser ideias frutificadas em benefício comum. Mas a ausência da vontade de enxergá-los e escutá-los não é uma atitude nova mediante as atitudes educacionais. A estudante (D. S. do colégio 3), ainda mostra a leitura que faz as formas adotadas por quase todas as escolas da rede particular de ensino no Brasil neste período pandêmico:

A mídia social, hoje em dia nos ajuda muito, por meio de aplicativos disponíveis, por exemplo, muitas escolas particulares estão tendo aulas on line diariamente, então por mais que tenham alunos que não se interessem, tem uns que estão precisando e querem de verdade (...).Eu sei que muitos não seriam frequentes nas aulas virtuais, mas seriam frequentes nas aulas virtuais, mas seria bom para cada um de nós! estamos precisando voltar a obter certos conhecimento, porque de casa é bom, aprendemos também, mas o apoio de professores é fundamental. Não acho que devemos voltar as aulas ainda, pois a pandemia ainda está ativa, mas já seria um bom começo as aulas diárias, com horário, tudo certinho por meio da mídia.

## Considerações Finais

A crise ocasionada pela Covid-19 é o fenômeno mais crítico sofrido pela educação dos últimos tempos. Até o presente momento, não é possível calcular os prejuízos sofridos em todos os segmentos da vida social contemporânea. A educação é um braço desta vertente e as falas dos alunos deixaram evidente as tristes configurações que se instalaram em suas realidades a partir do fechamento das escolas.

Entre o caos epidemiológico relatado pelas vozes dos adolescentes e jovens, confirmou-se a importância da escola, dos professores e do convívio com colegas e, ainda, a caminhada necessária e indispensável em direção à autonomia crítica reflexiva dos estudantes, em contrapartida, a pandemia da Covid-19 veio apenas salientar as fragilidades dos projetos político educacionais de inclusão digital externadas a partir das muitas educações e ‘brasis’ dentro de uma mesma nação.

Também as incertezas de um tempo, onde os castelos da razão já não são fortalezas para verdades indubitáveis e, no campo da educação isso também chega a cada um dos envolvidos como o desafio de reinventar a própria atuação cotidianamente. Enfatizamos, porém que o projeto educacional pautado na ética do saber viver juntos, como propõem (Morin (2007) chamada “Simbiosofia”, não perdeu a sua validade, ao contrário, continua exigindo de nós o olharmos para si e, sobretudo para o outro reforçando a única verdade sólida destes tempos sombrios: se não for para caminhar juntos, melhor nem da o primeiro passo. Ainda em referenciamos à lição em forma de documentário e curta, 1999 dirigido por Zhang Yimou: “Nenhum a menos”.

Seriedade, ética e compromisso com a escola pública na intenção de estabelecer um projeto político educacional pautado nos ideais democráticos salientados pela legislação vigente e tão necessária, sobretudo, aos estudantes das camadas menos privilegiadas da sociedade historicamente condenados ao esquecimento a sociedade.

18 A rede municipal de ensino de Ubaitaba adotou o programa de rádio para transmitir aulas aos estudantes da rede municipal de ensino durante no início da pandemia até o presente momento. A partir de junho de 2020, a rede municipal de ensino de Ipiáú BA passou a oferecer blocos de atividades a casa 15 dias aos estudantes no sistema de retirada e devolução para correção dos professores. Nenhum até então, comprovou a eficácia das ações destes dois municípios, porém, são tentativas de permanência do ensino possível em meio à realidade pandêmica.

O que desejamos ardentemente são ações práticas fundamentadas nas necessidades ímpares das crianças, adolescentes, jovens e adolescentes sanando problemas tão antigos quanto vergonhosos que vão desde a ausência de água potável, banheiros e rede de esgoto, (SENSO ESCOLAR 2018) até o nítido abismo digital que retirou centenas de milhares de estudantes do caminho da escola, quiçá, para sempre<sup>19</sup>. Por certo, se “Ensinar exige alegria e esperança”, nas palavras de (FREIRE, 1996, p. 46), é preciso alegrar e esperar os estudantes nestes tempos sombrios, mas também de forte apelo crítico e reflexivo, bem como de construção e lutas por situações mais justas, dignas e igualitárias.

## Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AMIEL, T. **Geringonça, jeitinho, gambiarra: a pesquisa em tecnologia e educação diante de suas políticas e projetos**. In: VALENTE, José Armando; ARANTES, Flavia Linhalis; FREIRE, Fernanda (org.). Campinas: NIED/Unicamp, 2018. p. 164-179. Disponível em: <<https://www.nied.unicamp.br/wp-content/uploads/2018/11/Livro-NIED-2018-final.pdf>>. Acessado entre agosto/setembro, 2020.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

COSTA, B. **Paulo Freire: educador-pensador da libertação**. Pro-Posições | v. 27, n. 1 (79) | p. 93-110 | jan./abr. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 18ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em Retrospectiva: A posição da filosofia na sociedade**. Volume IV. Tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

GOLDEMBERG, J. **O Repensar da Educação no Brasil**. Programa Educação Para a Cidadania do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP. Palestra feita pelo autor em 3 de junho de 1993 no IEA-USP.

GALVAO, A. **Analfabetismo Digital**: Seção e-Notícias do site Observatório da Imprensa, Edição 217, Março 2003. Disponível em [<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/eno260320031.htm>]. Acesso setembro, 2020.

LEMOS, A. **Cibercultura, cultura e identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”?** Revista Contemporânea, vol.2, no 2 p 9-22 Dez. 2004.

MINAYO, C. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. RAE. v.35 • n.3 • mai./jun.1995.

NICOLACI-DA-COSTA, M. Et. all. Uso de Entrevistas On-Line no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS). *Psicol. Reflex. Crit.* vol.22 no.1, 36-43: Porto Alegre 2009.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Forense/ Universitária, 1976.

SILVA, Â. **Educação e Tecnologia: Entre o Discurso e a Prática**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 527-554, jul./set. 2011.

<sup>19</sup> Especialistas salientam ao perigo da evasão escolar pós-pandemia. Os noticiários de várias partes do mundo expressam veementemente essa preocupação adocada pelas palavras de especialistas, pesquisadores, pais e professores. Reportagem jornal hoje, rede globo de televisão. Agosto de 2020.

Recebido em: 12 de outubro de 2021.  
Aceito em: 07 de março de 2022.